

Lúcio Craveiro da Silva e o descanso

No centenário do seu nascimento

Manuel Gama*

Em 27 de novembro de 2014, data em que ocorria o centenário do nascimento de Lúcio Craveiro da Silva (1914-2007), a Universidade do Minho – através do Departamento de Filosofia, do Conselho Cultural e da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva – dedicou-lhe um Colóquio/Homenagem, onde foram apresentados vários depoimentos e estudos, por pessoas que conviveram de perto com o Professor Lúcio, e que já tiveram publicação em livro de atas¹. Contudo, não foi aí realçada a importância que ele dava ao descanso, o tempo do lazer numa “via boa”, motivo pelo qual aceitei fazer este pequeno depoimento.

Lúcio Craveiro da Silva teve uma formação de largo espetro, indo da Filosofia à Teologia, mas passando também pelas Ciências Económicas e pelas Ciências Políticas e Sociais. Desempenhou vários e diferentes cargos que, de forma cronológica, apresento os mais relevantes: Diretor da Faculdade de Filosofia de Braga (em três períodos diferentes), Diretor do Instituto Superior Económico e Social de Évora, Superior Provincial dos Jesuítas portugueses, membro da Comissão Instaladora da Universidade do Minho, Vice-Reitor da Universidade

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade do Minho.

do Minho, Reitor da Universidade do Minho, membro do Conselho Científico das Ciências Humanas do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), membro da Academia das Ciências de Lisboa, membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (2 mandatos), Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho (até ao seu falecimento).

Em tal perfil de formação, e por entre as variadas ocupações de tipo governativo, que foi chamado a exercer, enxertava o descanso como uma dimensão indispensável da vida, que ele, com frequência, enunciava nesta máxima: “Quem não sabe descansar não sabe trabalhar”².

O seu jeito de estar na vida passou pela assunção do homem integral, o homem de carne e osso na qualificação de Ortega y Gasset, pois sendo assumidamente um membro da Companhia de Jesus soube fazer o *aggiornamento* da letra e do espírito do Concílio Vaticano II e ultrapassar a visão demasiadamente espiritualista da conceção antropológica vigente em muitas mentalidades clericais e não só.

Lúcio Craveiro da Silva buscava no recolhimento e no silêncio o tempero para a hiperatividade do mundo. A sua natureza (ou sabedoria) assim o exigia. Saboreava esses momentos ao longo do ano, sempre que a vida o permitia, mas havia um momento culminante, entre finais de julho e inícios de agosto, concretizado na subida para a Serra Estrela, para passar duas a três semanas de férias. A partir de março ou abril, um dos temas das conversas com pessoas mais próximas já era o das férias na Serra da Estrela. Esse tempo era passado na Casa das Mimosas, propriedade dos Jesuítas, junto a N. Sra. do Desterro, situada na encosta da Serra, do lado de Seia, na freguesia de S. Romão. Até a Companhia de Jesus adquirir um terreno próximo dessa Casa, onde existia uma nascente de água, que viria abastecer a casa, a preocupação maior era a eventual falta de água. Se havia notícia da queda de um nevão em finais de abril ou princípios de maio, notava-se-lhe satisfação: “o problema da água, por este ano, está resolvido”, dizia.

A afeição pela Serra não era questão epidérmica. Estava-lhe no íntimo. Aliás, ele estava convencido que o facto de ter nascido nas faldas da Serra lhe tinha deixado uma marca³, nomeadamente a “tenacidade do beirão”, que transparecia

nele. Na sua própria ideia, as raízes da terra onde nascemos nunca esmorecem. O silêncio de que tanto precisava para o seu equilíbrio – e que tantas vezes o víramos saborear e dar eco disso mesmo – era o silêncio, mas o silêncio que “brotava” daquela Serra granítica era especial.

No entanto, as férias na Serra da Estrela já só foram a concretização posterior de um sentimento profundo anterior, dado que a subida ao maciço, para descanso, teve o seu início na segunda metade da década de sessenta do século passado, enquanto o seu poema, onde expressa a sua empatia, quase necessária, com o “espírito” serrano, data de 1963:

À Serra da Estrela

A Serra da Estrela é alta

da altura do olhar:

Vê-se a Serra a subir

nunca se vê acabar...

És alta como um olhar

funda como um coração,

e a minha vida passou

fez de ti habitação.

Ai Serra que me caíste

dentro do meu coração.

Não pensei que a Serra alta

tivesse tal dimensão.

Ó minha Serra da Estrela

Ó Serra da minha sorte,

dá-me a Estrela para a vida

dá-me a Serra para a morte.

Covilhã, 1963⁴

Mesmo se, estranhamente, o terceiro verso da segunda quadra, “e a minha vida passou”, pareça deixar transparecer que a sua vida já estava toda vivida⁵, tal não era verdade e as muitas e constantes subidas anuais (embora, por vezes, também acontecessem na Páscoa) ainda estavam para vir. E por largos anos,

pois aconteceram ao longo de cerca de quarenta, apenas interrompidas por uma única vez por motivo de obras na casa⁶.

Quem passava e como decorria o tempo na Casa das Mimosas? Na última meia dúzia de anos que precederam as últimas férias, em julho-agosto de 2007, os frequentadores “residentes” eram o próprio Professor Lúcio, os Professores Luís Archer e Manuel Moraes, ambos também jesuítas, e a Dr.^a Maria Luísa Rangel Coelho. A estes se juntavam, consecutivamente, ao longo do período de férias, várias pessoas amigas, usufruindo do convívio e prestando o auxílio necessário. Por exemplo, a mim até me coube ser cozinheiro da casa por duas ou três ocasiões, inclusive durante os últimos dias das férias derradeiras, cujo final antecedeu em quatro dias o seu falecimento.

O dia-a-dia era descontraído e animado. Animado porque era caldeado pelo bom humor de todos os conviventes. As rotinas quotidianas começavam pelo pequeno-almoço substancial e bem conversado. Seguia-se a descida à povoação de S. Romão (a cerca de 5 km), para tomar café, fazer compras e buscar os jornais⁷. Entre muita conversa – desde assuntos do quotidiano até temas mais intelectuais –, chegava o longo momento do almoço, tomado numa sacada exterior com fantástico horizonte de verdejante paisagem, a que se seguia uma significativa sesta. A meio da tarde, um convivial lanche. O jantar era precedido de celebração eucarística. Após o jantar, entre mais conversa, ia-se vendo televisão, dando-se especial atenção às notícias e aos jogos de futebol. A estas atividades quotidianas mais rotineiras juntavam-se alguns passeios mais distantes como o da viagem à Torre.

Como referido acima, Lúcio Craveiro da Silva dava especial atenção ao bom descanso como condição do bom trabalho. E se o auge desse descanso convergia na Serra da Estrela, igualmente o convívio com amigos e suas famílias e a assistência a jogos de futebol na televisão (referia que durante o jogo tudo ficava esquecido!) eram outras dimensões do seu lazer.

Notas

¹ *Lúcio Craveiro da Silva Homem de Acção e de Pensamento. Actas do Colóquio Homenagem em 2014*, Universidade do Minho – Conselho Cultural e Departamento de Filosofia, Braga, 2015.

² Por vezes, o Professor Lúcio recorria aos provérbios, chegando até a publicar um estudo sobre a sua sabedoria ética: «A Ética dos Provérbios populares portugueses», em *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, 3 (1957), pp. 303-311.

³ Teoria defendida por estudiosos que ligam o lugar físico onde se nasce e vive os primeiros anos de vida à índole da pessoa.

⁴ Lúcio Craveiro da Silva, «À Serra da Estrela», em *Pégadas no Caminho*, Braga, 1976, p. 25.

⁵ Registo que, devido a graves problemas de saúde, o Professor Lúcio, por duas vezes, foi “desenganado” pelos médicos. Eventualmente, o referido verso deste poema poderá ser reflexo de um desses períodos, em que antevia a morte como próxima.

⁶ Nesse ano de interrupção as férias foram passadas na praia. A quantidade de pessoas que aí encontrou não lhe deixou boas recordações, dizendo a propósito: “Quase tínhamos de pedir licença para estender a toalha!”

⁷ O Professor Lúcio gostava de notícias do Norte, por isso era lido *O Comércio do Porto* (lembro-me de ser comprado o último número do jornal, no final de julho de 2005, antes do seu encerramento) e, depois, o *Jornal de Notícias*. Eram adquiridos também os vários semanários. Havia conta aberta no quiosque, que era saldada no último dia de férias.

